

o processo do corpo justifica o seu fim

Paula Cathoud

Esta escrita é sobre um corpo em conflito e os caminhos percorridos de um sujeito percebendo sua produção e a si mesmo. Em um primeiro momento, eu achava que este trabalho teria começo, meio e fim, conforme planejado na minha cabeça. Esse devaneio estava traçado por mim da seguinte forma: ao longo do ano, mantive um caderninho, uma espécie de diário de bordo para organização pessoal em busca de conseguir comprimir tudo aquilo que deveria fazer para que o mundo não desabasse na minha cabeça. Isso incluía principalmente manter o meu emprego formal em uma consultoria política (fruto da minha primeira graduação em Relações Internacionais e meu ganha-pão), assim como manter em dia o curso de graduação em Artes Visuais na Universidade de Brasília.

Aos poucos as coisas começaram a mudar, não foi de um dia para o outro, mas em todo esse tempo o caderninho continuava firme e forte, carregando nas costas todas as listas de tarefas a serem realizadas, esquemas de aproveitamento de tempo e detalhes sobre uma vida que tentava ser organizada. Era só de vez em quando que se ouvia a vozinha lá de dentro: um desenho, um desabafo ou uma ideia de projeto pessoal conseguiam, sorrateiramente, escalar para fora até preencher uma linha ou outra, mas na maioria das vezes, eram severamente soterradas por listas de relatórios a serem feitos, projetos dos outros a serem desenvolvidos ou qualquer outra informação que pudesse ser mais urgente na garantia e manutenção da dualidade em que eu viva.

Não era isso que eu queria. Queria, na verdade, que a vozinha lá de dentro me dominasse e me guiasse. Foi então que tudo mudou. Eu fui demitida. Pouco tempo depois, as páginas do diário chegaram ao fim. Já havia um outro caderninho novo em folha a esperar, mas aquele que terminou carregava em si o desgaste de um corpo pedindo socorro.

Sendo assim, ao ouvir em uma das aulas que *escrever é que nem desenhar* (GÜNTHER, 2017), surgiu a ideia para a produção de uma projeto com o conteúdo diário desse caderninho. Me propus a reproduzi-lo de forma que, em uma escala maior, ele representasse o que foi o desgaste desse corpo. Com isso, realizei cópia de todas as páginas e em sequência pretendia montá-las costuradas para que, brincando com o tempo, formasse um desenho representando o desgaste de um corpo e seu conflito ao longo do ano.

Porém, não foi isso que aconteceu.



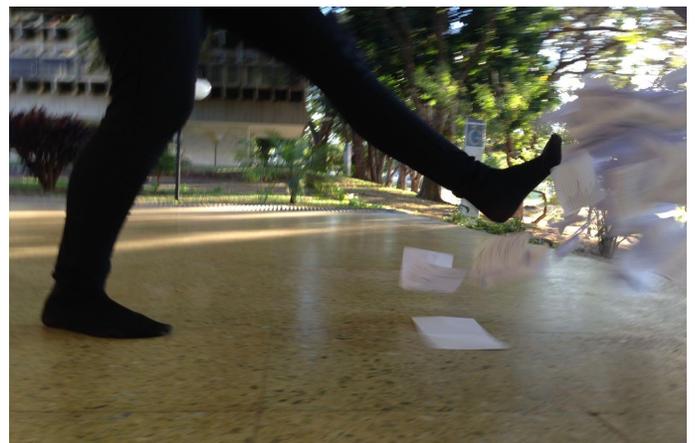
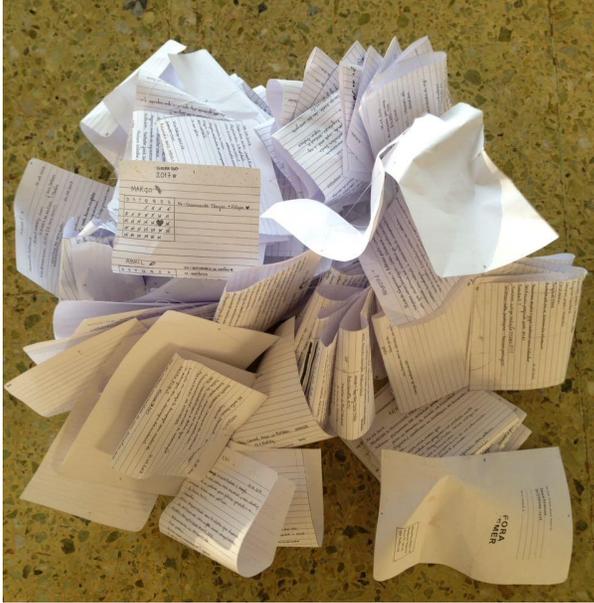
Na prática e no erro, compreendi o que Bachelard havia afirmado em *A poética do devaneio*, ao descrever que “*a imagem não pode fornecer matéria ao conceito*”. Ele destaca, o abismo existente entre a atividade racional e a atividade da imaginação. Na tentativa de concretizar o projeto como havia meticulosamente planejado, me vi despreparada para executá-lo, apesar de ter passado horas em devaneio sobre ele.

No entanto, eu havia, conforme destacado por Bachelard (1988, p. 50), me entregado com todo o espírito e com toda a minha alma àquela imagem e como resultado eu perdi vista dela e acabei me propondo à elaboração de um produto final e não de uma experiência.

A imagem só pode ser estudada pela imagem, sonhando-se as imagens tal como elas se acumulam no devaneio. E um contrassenso pretender estudar objetivamente a imaginação, porque só recebemos verdadeiramente a imagem quando a admiramos. Comparando-se uma imagem a outra, arriscamo-nos a perder a participação em sua individualidade (BACHELARD, 1988, p. 52).

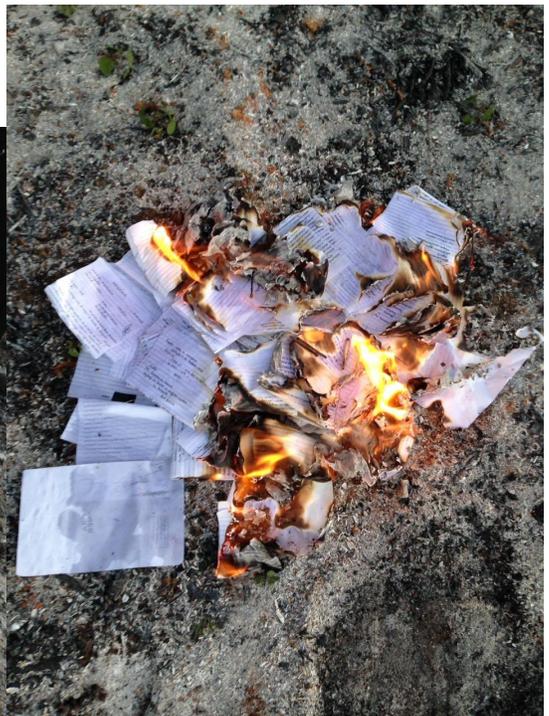
A partir dessa nova consciência, tomei conta do meu corpo no processo e vi que quem desenha é o corpo inteiro e verifiquei que os outros corpos influenciam o nosso movimentar, sopram em nossos subscientes e empurram o nosso traço, seja ele com um pincel na mão ou com um passo adiante. Assim como afirma Lygia Clark em *Breviário sobre o corpo*, fiz então do processo e do que meu corpo exalava, o trabalho: “*Mãos mágicas que no momento da crise da opção tiveram o desejo de, com uma faca, tirar todas as diferenças dos dois mundos em conflagração*”. (CLARK, 2015, p. 166).

Em seguida peguei o que havia restado do material proposto inicialmente e segui adiante.











Como resultado percebi que “*não é a partir de um saber que se pode verdadeiramente sonhar, sonhar um devaneio sem censura*” (BACHELARD, 1988. p. 35). Alternei entre as imagens e os conceitos e transformei o conflito passado e atual em processo, justificando assim por dizer, cada passo dado pelo meu corpo. Corpo Vivo. Mudo. Mudo-me.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CLARK, Lygia. *Breviário sobre o corpo*. In: *Concinnitas* | ano 16, volume 01, número 26, julho de 2015.

GÜNTHER, Luisa. *Comentários fortuitos que acontecem ao vento*. Brasília: Aula de Desenho 2, 2017.